



Alicio Siqueira Nogueira

Chico de Oliveira

P. Gostaríamos de começar pelo livro de Robert Kurz, “O Colapso da Modernização”, que obteve uma grande repercussão em nosso meio intelectual... propomos que você comente um pouco a polêmica gerada por ele.

R. Primeiro, parece que a repercussão do livro em outros países não foi do mesmo porte da que houve no Brasil. Ele é lido na Alemanha, e quem o trouxe para cá foi o Roberto Schwarcz. Mas parece que, fora daí, não teve uma repercussão tal como a que teve no Brasil. Então com o artigo do Roberto - que eu acho melhor do que o livro - ele aqui pegou fogo, disparou e Kurz recebeu convites em todos os cantos. Por que eu acho que houve uma repercussão tão grande? Em primeiro lugar, porque o Roberto tem muita credibilidade no meio intelectual como um teórico literário, então eu acho que isso abriu um caminho para o outro Roberto.

Agora, evidentemente, isso não seria suficiente. Por que que colou assim? A meu modo de ver por uma espécie de, digamos, fantasmas, uma espécie de outro fantasma teórico da esquerda. A esquerda ficou órfã depois da queda do muro, depois do colapso da União Soviética, enfim, depois de tudo isso que é bastante conhecido. Houve um longo período - que já deve estar com uns vinte anos - de desprestígio do marxismo, que era uma espécie de farol da liberdade na França. O marxismo na Inglaterra vem pela linha da história e, portanto, não foi muito abalado. E o que nós vemos do marxismo na Alemanha é muito pouco, devido à dificuldade da língua. Nos Estados Unidos há um marxismo que se encarnou,

Francisco de Oliveira é docente do Departamento de Sociologia da FFLCH-USP e presidente do Cebrap-Centro Brasileiro de Análise e Planejamento.



durante um certo tempo, num movimento de economistas - os chamados "economistas radicais" - mas depois perdeu fôlego e tem uma fraca tradição no âmbito da cultura e teoria literária (ressalvando-se as obras de Wilson e Frederick Jameson). Enfim, ele perdeu força na França e, sobretudo, na Itália, e, isso junto com a queda do muro de Berlim e a queda da União Soviética, como que jogava uma pá de cal ou completava essa trajetória descendente de prestígio das idéias socialistas e da crítica de esquerda.

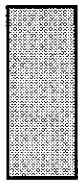
O Roberto vem dessa espécie de orfandade, que parece preencher uma necessidade de que volte a haver uma explicação do grande movimento histórico (de tipo estrutural) que o marxismo fornece - que do meu modo de ver ainda fornece -, e que era muito prestigioso. O Brasil tem uma trajetória, nesta década, completamente oposta à trajetória do primeiro mundo e mesmo de outros países da América Latina, do ponto de vista do crescimento da esquerda, de uma esquerda que não vem do marxismo - que é o PT. O Brasil tem uma trajetória quase oposta e um movimento sindical que cresceu enormemente durante os anos que foram anos de crise quase persistente; mas tudo isso sem um embasamento teórico. O fato de que o PT diz que não sabe qual é o socialismo, projeta o socialismo mas não diz qual é, faz parte dessa crise teórica; no final da história é, porque não sabe. Então diz que é uma coisa que vai se cons-truindo a cada dia, o que em parte é verdade. Só que esse é um ambiente muito rico para a postulação no mundo todo que retoma com vigor - embora eu não compartilhe - o tipo de interpretação para os grandes movimentos que o marxismo fornece.

P. E você acha que essa cisão entre críticos e entusiastas expressa duas facções da esquerda?

R. Ela expressa duas das que existem, mas não expressa, certamente, toda a composição da esquerda. Ela toda **não se manifestou**. Na verdade foi no debate que **saiu na Revista do Cebrap**, que se formaram duas posições que não são completamente homogêneas. Na Revista do Cebrap há a posição do Bresser, a posição do Giannotti e a minha própria. As três são completamente divergentes, não têm nada em comum. Eu não acredito, como o Bresser, que se trate apenas de uma crise cíclica; acho que é algo realmente mais profundo. Giannotti não discutia, propriamente, as proposições do Kurz, mas a forma metodológica com que ele **encaminhava a discussão**. Então, já aí, há diferenças, que não aparecem de imediato, porque ficamos todos contra. A posição dos a favor não aparece na Revista do Cebrap. Mas eu sei que há repercussão e há muita gente que joga no time a favor. O próprio Roberto Schwarcz continua a favor, o que na argumentação dele faz sentido nos dias de hoje. Eu sei que, aqui na USP, o Paulo Arantes gosta dessa interpretação. Não sei até que ponto concorda ou discorda mas, em geral, ele participa de alguma maneira, ele subscreveria de alguma maneira as formulações do Kurz.

Agora, Kurz faz muito sucesso. Toda vez que vem ao Brasil, vai a Porto Alegre, vai a Bahia, vai não sei onde. Mas é difícil responder até que ponto as posições expressas representam uma variedade de posições que existem na esquerda.

Eu acho até que muita gente que gostou, mas não pelas razões mais sutis que o Kurz dá. Muita gente gostou pelo fato de Kurz, de novo, reafirmar que



o sistema capitalista é finito e que ele morre a partir das próprias contradições que cria. Mas muita gente, certamente, não gostou quando ele escanteia a proposição socialista e comunista. Haverá gente que não gosta do fato de que ele junta no desastre do capitalismo o desastre do socialismo. São nuances que eu tomo, de certa forma, pelo enfoque impressionista, porque, de fato, não são sistematizadas pelos que são a favor, Roberto já voltou a escrever um pequeno artigo a respeito do livro, mas hoje já não mais se manifesta. Há um artigo do Wolfgang em que tende a concordar com Kurz, numa tendência mais geral. Mas o Wolfgang é um luckacsiano, vai pela interpretação do Luckács e, com isso, também discorda do Kurz, na medida em que trataria o Luckács um pouco como um idiota.

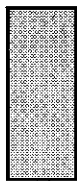
P. Retomando um pouco a tese de Kurz, um de seus argumentos é que estaríamos vivendo, agora, a crise final da forma mercadoria. O que você acha dessa avaliação? E, como você acha possível pensar - se é que você acha possível - novas formas de produção, você que está trabalhando com o conceito de modo de produção social-democrata? Como você acha que isso tudo se relaciona?

R. Eu acho que há uma crise na forma mercadoria. Não é disso que eu discordo. Discordo da forma como ele formula essa questão, como uma lei imanente que rola no espaço. Qualquer coisa que você fizer está na mira. Do caráter finalista eu discordo, porque concebo como o mais importante, dentre as várias correntes do marxismo que existem, aquela que valoriza o conflito social. Acho que Kurz toma o conflito social como um

epifenômeno da lei do valor - o que é uma coisa da qual eu não participo. Eu não acredito numa história que é construída sem nós. Então a minha discordância é nesse sentido. Mas, formulando nos termos que eu consigo formular - que não tem a precisão nem a erudição filosófica de Kurz -, eu acho que é uma crise da forma valor, da forma mercadoria. Essa crise da forma mercadoria aparece todo tempo no sistema capitalista, sobretudo quando ele usa os recursos públicos, e a meu modo de ver um uso de fundos públicos revela que a forma mercadoria não pode satisfazer mais os requisitos da própria acumulação. Então nisso eu vejo uma crise. É desse ponto que parte a formulação do que eu chamei de “modo social-democrata de produção”, que não é uma projeção para o futuro. O “modo social-democrata de produção” é uma tentativa de entender teoricamente a economia capitalista desde os anos trinta. Eu acredito que isso tem fôlego, mas apresenta seus limites precisamente na crise da forma mercadoria. Então, o modo social-democrata chegou a um certo limite em que o uso de recursos públicos também já não é suficiente para evitar a crise. Toda vez que ele força esse uso gera inflação e os fenômenos que decorrem dela. Como a inflação destrói, precisamente, a capacidade e a previsibilidade de que o sistema necessita, então busca-se freiar a inflação e, com isso, freia-se, também, o crescimento. Então há uma permanente contradição que está na crise da forma mercadoria. Mas a minha formulação é diferente da de Kurz.

P. Qual a relação entre esse “modo social-democrata de produção” e o welfare state?

R. A relação é profunda. Na verdade, não se pode



pensar que o welfare state é a base desse “modo social democrata de produção”. Por que eu tentei fazer uma ampliação, ao invés de simplesmente me contentar com o welfare state? Porque eu acho que a teorização sobre o welfare state se resume ao lado da resolução da questão social do sistema capitalista. Toda literatura é muito enfática ao tratar o welfare state como apenas um estado de bem-estar, enquanto eu vi, no welfare state, precisamente a forma pela qual o uso de recursos públicos só ocorre numa acumulação de capital que já não dá conta dela mesma, solapando as bases da própria forma mercadoria, por isso eu não fico restrito ao welfare state. Mas sem dúvida nenhuma, a relação é profunda e o welfare state é a base, na verdade, da economia social-democrata juntamente, numa interrelação profunda, com o tipo de instituição política criada e com a presença dos partidos de situação operária na política. Então, para mim, isso é o que o forma o “modo social-democrata”, mas a relação é profunda. Não há um sem o outro.

P. E, no Brasil, estaríamos vivendo esse modo social-democrata?

R. Eu acho que sim, que vivemos num estado social-democrata fraco. E, voltando um pouco à teoria da dependência, num modo social democrata de dependência. O social democrata, ao meu modo ver, abrangeu todo sistema capitalista. Dentro dele há gradações, como é possível dizer que dentro do sistema capitalista também havia gradações; portanto eu acho que participa da mesma lógica. Se tomarmos a discussão contemporânea no Brasil, veremos que o acento está em

“Vivemos num estado social-democrata fraco. E, voltando um pouco à teoria da dependência, num modo social democrata de dependência”

problemas como o **déficit público**, o tamanho do Estado, **interferência do Estado**; enfim, na regulamentação. **Estes são todos aspectos do modo social-democrata.**

O Brasil **não inventou nenhuma** intervenção do Estado na economia, **como não inventou a Previdência Social, quer dizer**, faz parte tudo de um amplo movimento **que basicamente se constrói durante todo o século vinte**, mais identificável a partir dos **anos trinta. E, no Brasil**, precisamente a partir dos **anos trinta**, **isso que o debate ideologizado tem chamado** intervenção do Estado na economia **ganhou espaço**, ganhou importância a tal ponto que **o desenvolvimento e expansão do capitalismo no Brasil**, nos últimos cinquenta anos, é **incompreensível sem essa intervenção do Estado, sem essa regulamentação do mercado.** Isso se inscreve num modelo amplo, evidentemente com **gradações. Tem a ver com a história de cada país, como uma presença tardia no capitalismo, com o estado do conflito social em cada país. Isso dá gradações, como o próprio Estados Unidos que também participa, mas não na mesma forma como ele apresenta na Europa, a meu ver, devido, basicamente, à fraqueza dos partidos de classe.**



P. Que caminho você identifica para aperfeiçoar esse sistema no Brasil? As Câmaras Setoriais, e mais especificamente o acordo das montadoras, seriam um exemplo de como isso pode evoluir?

R. Eu acho que é um bom exemplo, não em nenhum sentido de panacéia, como a crítica geralmente aprecia. Eu acho que é um bom exemplo, no sentido de mostrar como os problemas da acumulação capitalista se colocam, hoje, de tal forma, que você ou consegue a anuência do seu adversário para essa utilização de recursos públicos, ou o processo não caminha. Eu acho que as câmaras setoriais mostram, exemplificam - é apenas um modo de exemplificar, haverá outros. Se a acumulação capitalista se fez, e isso é evidente na mudança do campo teórico com o qual eu trabalho, isso se deu sob a exploração dos trabalhadores. A proposta da Câmara Setorial aponta uma novidade. Agora é como se, para que a acumulação de capital se dê, é preciso não só a extração de mais-valia do trabalhador, enquanto sujeito explorado, mas também o concurso do trabalhador, como um sujeito que influi na orientação da acumulação. Isso eu vejo como algo extraordinariamente novo. Há quem não veja e há quem veja nisso um mero exercício corporativista. Eu tendo a ver de uma forma nova, como uma via rica a ser desdobrada até as últimas conseqüências. Quer dizer, a meu modo de ver, as Câmaras Setoriais como que tipificam essa crise da forma mercadoria. Não dá para prosseguir a exploração do trabalhador, nas formas em que ela se dá embora ele não deixará de ser explorado, do ponto de vista teórico. Mas é preciso algo mais

que a simples coerção econômica, para que o sistema de acumulação continue a se efetivar. Então, nisso, eu vejo uma novidade. As pessoas não ficam contentes, sobretudo os que fazem parte de correntes marxistas mais tradicionais no sentido de congelar a capacidade explicativa do próprio marxismo. Este semestre eu dou um curso que é exatamente economia política na social democracia, que atrai muita gente, a princípio parece que meu IBOPE é muito alto, mas o fato é que atrai também muitos descontentes. Quando eu vejo, são todos eles potencialmente críticos, eles são atraídos porque o curso toca em certas questões que estão aqui dentro e que outros cursos não tocam. Há pouca discussão no lote dos três cursos de Ciências Sociais sobre o sistema capitalista. É extraordinário, não é? Há muito pouca discussão. Quer dizer, você lê os autores clássicos, lê Marx, mas a leitura de Marx não é uma discussão sobre o capitalismo, é uma discussão sobre o marxismo, o que não é uma coisa inteiramente estapafúrdia, mas uma bela tradição que existe aqui, cuja matriz é, precisamente, o curso de filosofia. Há uma bela tradição de leitura, mas o interessante, é que não o marxismo não é um ponto a partir do qual se discute o sistema capitalista. Nos cursos de política é que eu não conheço bem, porque eu nunca fui aluno daqui, mas conheço os programas, não há discurso sobre o sistema capitalista. Há discussão sobre sindicalismo, e também alguma discussão sobre welfare states, não há dúvida. Para a antropologia dado o ângulo pela qual ela entra, evidentemente, é quase uma pergunta que não se pode fazer, mas em sociologia não se discute o sistema capitalista.



Então, talvez, o curso atraia muita gente, porque ele discute o sistema capitalista. Mas atrai contrários. Quando eu me dou conta estou com vinte alunos que estão todos insatisfeitíssimos com a formulação. Mas, de qualquer forma, o curso é muito interessante.

P. E por que você acha que não se discute a crise do capitalismo ?

R. Eu não sei explicar direito por várias razões: porque eu não pertencço à tradição da USP. Eu não fui formado pela USP, talvez infelizmente não felizmente, e eu tenho muita dificuldade de me adaptar ao estilo uspiano, que é centrado, nos cursos de Ciências Sociais, em autores e não em temas.

Na pós-graduação, evidentemente, há uma abertura e uma diversificação. Os cursos na pós são, basicamente, sobre temas. Mas, na graduação os cursos são sobre autores autores e suas escolas, eu acho que isso criou uma tradição.

Na pós-graduação essa tradição leva a uma discussão sob o crivo de paradigmas, sobre, enfim, uma sociologia da sociologia contemporânea, de autores como Foucault e Baudrillard que explodem toda aquela sociologia unificada. Discute-se uma literatura teórica recente, muito contemporânea, mas passa-se ao largo da discussão sobre sistema, sobre crise, sobre o capitalismo. Mesmo a ciência política quando tematiza o welfare state, de novo, me parece insuficiente, porque discute o welfare state, não o sistema capitalista, toma o welfare State como uma forma do sistema capitalista, como uma instituição. Então eu acho que há uma certa insuficiência por esse lado.

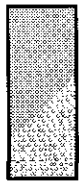
Acho que, por propor uma discussão sobre o capitalismo, meu curso é tão concorrido. Isso não é nenhuma virtude. É só o que eu sei fazer, uma vez que não tenho a formação daqui, dessa Faculdade. O que, talvez tenha, por um lado, a vantagem de produzir um pouco de barulho, mas, de outro lado, tem também desvantagens.

P. Seu vínculo mais antigo é com o Cebrap e não com a USP. Agora você está dirigindo o Cebrap, que esse ano completa vinte e cinco anos. Você poderia fazer um balanço do Cebrap? Qual a sua avaliação sobre as atividades que o Cebrap tem desenvolvido nesses últimos tempos e sobre o papel dele hoje?

R. É muito difícil "falar de corda em casa de enforcado". E é tão difícil, porque, como você disse, a minha relação mais intensa é com o Cebrap, não com a Universidade, onde estou há apenas sete anos. Gosto muito dos meus colegas, não gosto da Faculdade. Me sinto um peixe fora d'água. Isso aqui para mim é um túmulo, um ambiente frio, chato, sem nenhum atrativo. Aprecio a convivência e o trabalho dos meus colegas, mas, infelizmente, não trabalhamos juntos.

A Faculdade, o curso, o departamento, não sei direito o que é, tem um estilo que é muito segregacionista, o meu estilo é mais coletivo. Aqui cada professor trabalha consigo mesmo e com seus auxiliares, que são bolsistas da Fapesp, do CNPq. Não há uma tradição, ou não sei se houve, do trabalho no qual eu me formei, mais cooperativo, que é a tradição do Cebrap.

Então eu tenho muitas dificuldades de avaliar a própria atividade, porque eu não sei se é apenas



uma tradição a ser reforçada pela circunstância. Minha formação de pesquisador, que começa há muito tempo atrás, com o Banco do Nordeste do Brasil, na verdade, eu a refiz inteiramente a partir do Cebrap, não jogando fora a coisa, mas refiz, reformulei. Portanto, o Cebrap, para mim, é uma coisa difícil de falar, porque ele é um lugar, basicamente, da minha formação, tal como hoje eu estou na vida acadêmica, intelectual e política no Brasil.

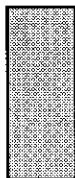
Sobre o Cebrap há uma lenda que nós, em parte, ajudamos a construir, que é a lenda da idade de ouro. Essa lenda situa essa idade de ouro aí pelos anos setenta, quando a Universidade estava sob forte repressão, e ela continuou a existir, ela continuou a fazer seu esforço, de forma tal que a maioria dos professores que estão aqui hoje, e que são meus colegas de Departamento de Sociologia foram formados nessa época, e como eles são tão bons, eu acredito e sei que a Universidade é e continuou muito boa, com perdas graves, não há dúvida nenhuma. Não se perde um Fernando Henrique Cardoso, um Florestan Fernandes, um Otávio Ianni sem pagar nenhum preço. Nesse período, a Universidade ainda estava muito sob repressão, a sua produção não era muito visível; além disso, centros como o Cebrap se beneficiaram do fato de que a sua produção intelectual é inteiramente colada e assimilada à imagem do centro. Quer dizer, quando eu falo, o sujeito vê por trás de mim o Cebrap, enquanto que um professor do departamento, quando fala, ninguém vê por trás dele o departamento. Por isso a produção da Universidade ficou individualizada e sem relevo, enquanto a produção dos centros ficou

uma coisa que criou, simultaneamente, a imagem dos pesquisadores e a imagem dos centros.

Também pelo fato, sem querer agora ser humilde demais só para não parecer arrogante, de que esta circunstância, a policultura especial existente nos centros deu a eles a capacidade de abordar temas e questões que a Universidade não abordava, ou abordava nos cursos, mas sem essa visibilidade que a produção do centro tem.

Então ficaram famosas algumas discussões que o Cebrap patrocinou, ou que se fez dentro dele, desde o princípio, inclusive com membros da Universidade. Então, tendo dito isso, é evidente que essa idade de ouro não vai se repetir. Não apenas porque factualmente ela é impossível, como porque o mito constrói a idade de ouro para recorrer sempre a ele e não para destruí-lo. Então o Cebrap hoje é menor do que o daquela época, por essa relação com o seu próprio mito

Os tempos heróicos, corajosos, em que, não simbolicamente, mas realmente, fomos para a cadeia - e espero que isso não se repita mais -, como toda a idade de ouro, é irrecuperável. Frente a isso, evidentemente, parece que a trajetória hoje é bem mais modesta, quer dizer, ele se situa no nível em que estão os principais pesquisadores dos centros de pesquisa no Brasil e na Universidade. Até a Universidade copiou o centro, quando criou o núcleo de pesquisa fora dos departamentos, porque os departamentos não são mais centros de pesquisas, cada um na sua sala tem um computador e trabalha isoladamente, mas os departamentos não formam um centro de pesquisa. Os pesquisadores perceberam isso e copiaram os centros nos diversos núcleos que existem na Uni-



versidade. E fazem, precisamente, o que os centros fazem, quer dizer, um trabalho mais integrado, interdisciplinar de que o Núcleo de Estudos da Violência, formado por gente dos departamentos de política e sociologia, é um exemplo. Então, essa é a minha visão do Cebrap; ele impõe uma marca, ele já tem uma marca, que já não é tão forte quanto no passado, e, portanto, qualquer um de nós que vá nessa direção não imprime a sua marca pessoal com rigor o que no passado foi possível, nem eu tenho essa pretensão.

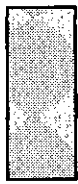
Eu sou presidente apenas de um colegiado e esse colegiado move-se com autonomia. Acho que o Cebrap é uma república parlamentarista. O Giannotti definiu uma vez como uma oligarquia veneziana, mas isso é porque ele tem ambições aristocráticas, eu não as tenho. Eu defino o Cebrap como uma república parlamentarista.

P. E agora um dos fundadores do Cebrap, Fernando Henrique Cardoso, deve sair candidato a presidente. Quanto a isso sabe-se que no Cebrap há duas tendências: uma que estaria apoiando FHC e outra que estaria apoiando o PT. Por outro lado, também dentro do PT, há uma divisão entre os mais radicais, por assim dizer, e os mais moderados. Você foi signatário de um documento, participou de uma manifestação defendendo uma linha mais social-democrata para a campanha do PT. Gostaríamos que você comentasse.

R. A divisão do Cebrap entre o FHC e o Lula, ou o PT, é inegável e felizmente só existem essas duas tendências lá. Tendência de direita, se existe, é nula porque ninguém conhece. Eu mesmo acho

que os funcionários, que não consideramos - eu acho que malignamente de forma depreciativa, como a maioria dos intelectuais -, estão participando dessa discussão que há sempre no ar, no Cebrap, está nas pessoas. Eu acho que eu também participo. Eu sou muito atento a isso. Mesmo entre eles eu acho que não há ninguém que não esteja nessas duas posições, acho que no passado já houve, mas hoje não há mais. Então é inegável, é bobagem esconder. Não sei explicar direito porque a geração mais jovem é toda petista. Realmente não consigo explicar, não é um truque metodológico para esconder as coisas.

O sistema de recrutamento do Cebrap é muito tradicional; com exceção do Programa de Formação de Quadros Profissionais, que é o único que tem, na verdade, uma forma de recrutamento razoavelmente democrático. Ele não é propriamente democrático porque concentra-se muito mais em São Paulo, em primeiro lugar, e sobre certas preferências que o comitê de escolha tem. Nosso sistema de recrutamento para os assistentes de pesquisa é o velho sistema da cooptação intelectual, que se dá na classe, você convida as pessoas que foram bons alunos. Isso não difere em nada do que a Universidade fez no passado - hoje faz menos. Você entra na pós-graduação pelo "pool", mas é evidente que pinça os seus preferidos. Então, se você me perguntasse sobre os que trabalham comigo, eu diria que, razoavelmente, eu poderia pensar que eles eram do PT. Mas os que trabalham com outras pessoas no Cebrap eu não sei explicar porque os que escolheram não são do PT. Mas formou-se ali um grupo que é majoritariamente do PT. Há também



um grupo do PSDB, que é mais expressivo ao nível sênior e menos expressivo ao nível dos assistentes. Mas há. E também por que se formou desse jeito não sei explicar. Acho que é a velha prática da cooptação, que é o que o Cebrap faz, igual a qualquer outro centro, e, desse ponto de vista, muito tradicional. Talvez não pudesse ser diferente; o Cebrap é muito pequeno e não tem estrutura para fazer um concurso. Agora, quando possivelmente um dos fundadores do Cebrap sai candidato, e há outro que está na preferência da massa, isso incomoda muito, é muito difícil trabalhar essa coisa lá dentro. Nós temos uma larga, uma antiga experiência de tolerância. É uma tolerância que pode ser apresentada de forma muito sofisticada e agradável, mas que também é parte do cansaço. Você já conhece a posição dos seus amigos então você sabe que não vai convencê-lo mais e que ele não vai te convencer. Portanto, há dois resultados, há duas qualidades

aí: por um lado, eu acho que é um exercício de tolerância, que foi feito ao longo do tempo e, por outro lado, que é um pouco de cansaço. Então isso faz com que nós tenhamos sabido navegar. Mas essa conjuntura é especial, porque era mais fácil navegar quando você tinha Ulysses Guimarães de candidato pelo PMDB, o Mário Covas de candidato pelo PSDB e o Lula de candidato pelo PT. É diferente agora quando você tem um dos fundadores e do outro lado o Lula. Então, apesar de tudo, não podemos prever o resultado. Devemos trabalhar na melhor forma, usando essa tolerância para tentar ver se a gente não explode o Centro com essa contradição que está posta.

P. E com relação ao PT?

R. Com relação ao PT eu acho complicado. Em relação à discussão que se põe dentro do PT, parece-me que há um grupo de moderados e um grupo de radicais. Eu me ponho dessa forma: eu sou muito mais radical do que os mais radicais do PT. Agora isso eu também não posso dizer em relação a todos os amigos independentes que assinaram o manifesto, com os quais eu estou aliado neste momento. Eu não posso dizer porque os independentes são independentes inclusive entre si e ninguém responde por ninguém. Mas por que eu não participei desse movimento? Em primeiro lugar, porque a possibilidade de poder nunca se aproximou de forma tão concreta como hoje. Não foi assim na eleição de 89. Porque os petistas não acreditavam, nenhum de nós acreditava, que o Lula fosse para o segundo turno. Você vai para a rua, bate bumbo, toca corneta, faz tudo aquilo que um militante faz, mas de fato,

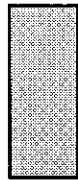
“Há pouca discussão no lote dos três cursos de Ciências Sociais sobre o sistema capitalista. É extraordinário, não é? Há muito pouca discussão. Quer dizer, você lê os autores clássicos, lê Marx, mas a leitura de Marx não é uma discussão sobre o capitalismo, é uma discussão sobre o marxismo”



foi uma surpresa no próprio PT. E no segundo turno, que eu me lembre, era uma euforia tão grande que me parecia que o problema do poder não estava muito na esquina, e ele esteve na esquina, porque Lula teve milhões de votos. Agora o PT há muito tempo se prepara para o terceiro turno com Collor (esta eleição é uma espécie de terceiro turno com Collor). O partido mudou e como as pesquisas vêm reiterando uma posição do Lula muito forte nas intenções de voto, o partido agora pensa no poder, prepara-se para o poder, sonha com ele e tem pesadelos com ele, todos os dias. Tem gente que entra em orgasmo, tem gente que toma aspirina, porque não se imagina e detestaria mesmo chegar ao poder, principalmente aqueles que hoje são chamados radicais. Nessa discussão entre radicais e moderados tem gente que desejaria que o Lula perdesse. Eu conheço vários amigos meus, dos quais eu gosto muito, com os quais eu tenho uma longa história de amizade, que acham que o PT não deve ganhar porque ele vai administrar o capitalismo. São os radicais. Então essa divisão não consegue apanhar as nuances de cada posição. Eu tenho grandes amigos, militantes vigorosos, que detestariam, não gostaram, inclusive, que a Erundina tivesse sido prefeita de São Paulo. Então, o partido mudou muito com essa perspectiva. Tanto mudou que um pouco da mudança que houve na direção de diretórios municipais e em termos nacionais a ver com isso, tem a ver com a preparação que o partido vem fazendo, há muito tempo, para o poder. Mesmo porque a convicção, e as pesquisas ajudam essa convicção, é de que o terceiro turno vamos

ganhar. Então é isso que existe hoje dentro do PT.

Esses independentes conceberam um certo modo de proceder que me lembra os procedimentos tipicamente stalinistas. E é isso que nos separa, na verdade, de algumas posições que estão na direção do partido, que estão nos diretórios. Não é, talvez, **nem mesmo a questão do programa**. Agora, por exemplo, em relação ao programa, o PT recuou em três pontos que eu subscrevo totalmente, **que são a legalização do aborto, a legalização do casamento de homossexuais e o pleno acesso a meios contraceptivos por parte da população. Eu que estou classificado como moderado subscrevo embaixo dessas questões e a direção que é classificada como radical colocou no programa e vai retirá-las**. Por quê? Por causa da Igreja, **por causa de militantes**, por causa do medo de **que isso repercuta** desfavoravelmente nas bases sociais do PT e que, a esse respeito, são conservadoras. Então é o problema do poder que hoje, na verdade, **decifra os códigos de luta e as posições dentro do partido**. Eu sou esse moderado social-democrata e eu assino embaixo dessas questões, **assino embaixo** de que o partido tem sim de colocar **questões que tem a ver com o socialismo**. Porque, **na minha concepção**, o socialismo não é uma coisa que ocorrerá em um dia depois da eleição, ele é um longo processo. Um partido que tem essa pretensão de ganhar a Presidência da República tem por obrigação colocar no seu programa aqueles pontos que ele considera que conduzem ao socialismo. Sem um dogmatismo, com o cuidado de pensar que alguns de seus aliados não pensam assim, com o cuidado de



pensar que a maior parte de seus eleitores talvez não pensem assim, mas ele tem a obrigação de colocar. Eu não divirjo, portanto, do ponto de vista de que o programa é socialista, eu acho que nem é. Mas se tiver pontos que digam respeito ao socialismo, pontos os quais eu concorde, eu subscrevo. A minha divergência é uma divergência de estilo, do método do fazer política dentro do partido e para fora do partido. Essa é a minha divergência básica. Eu acho que o programa do partido nem chega a ser social-democrata. O programa está aquém da social-democracia. E eu não gostei de ver defendida uma militarização do programa do PT, discordo radicalmente daquilo, não assino embaixo. Essa postura retoma a questão da modernização das forças armadas como centro do desenvolvimento econômico. Eu acho que é um equívoco enorme, por duas razões importantes:

em primeiro lugar, por uma razão política. Eu acho que um partido como o PT não pode ter um programa daquele. Isso significa ser contra toda a tendência do movimento socialista contemporâneo. Isso significa dar relevo, de novo, aos militares na vida brasileira o que é um perigo para o qual a gente não pode ceder um milímetro. Em segundo lugar, isso não é nada socialista e não é factível. O Brasil não poderá alcançar nenhuma das grandes potências, em termos de avanço militar. O programa norte-americano, para colocar a estação espacial no espaço, é um programa de 500 bilhões de dólares, que equivale a todo o produto bruto brasileiro. Portanto, um partido que optar pela militarização como centro e eixo do desenvolvimento econômico, está cometendo uma tremenda leviandade. ■